



## 'HOY VIENEN LOS PIQUETEROS': OS NOVOS SIGNIFICADOS DOS PROTESTOS EM BUENOS AIRES.

Graziella Ximenes \*

**Cite este artigo:** XIMENES, Graziella. 'Hoy vienen los piqueteros': os novos significados dos protestos em Buenos Aires. **Revista Habitus:** revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais – IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 17-36, 30 mar. 2008. Anual. Disponível em: <[www.habitus.ifcs.ufrj.br](http://www.habitus.ifcs.ufrj.br)>. Acesso em: 30 mar. 2008.

**Resumo:** Fruto da vivência de três meses na cidade de Buenos Aires, este trabalho compõe-se da observação geral, tanto dos protestos cotidianos, quanto do ponto de convergência da maioria deles: a Plaza de Mayo. Focalizando no que surge através do olhar dos indivíduos que rotineiramente presenciam a seqüência de manifestações que eclodem no dia-a-dia da cidade, este trabalho propõe uma análise das ressignificações dos protestos e dos que protestam na capital federal argentina.

**Palavras-Chave:** Usos e apropriações do espaço público urbano, manifestações populares, sociabilidade, relações sociais.

### 1. Entre piqueteros e piqueteros.

**A**poiado na vivência de três meses na cidade de Buenos Aires e também nas leituras preliminares de autores que tratavam prioritariamente da questão do movimento piquetero, este trabalho compõe-se da observação geral, tanto dos protestos cotidianos naquela cidade, quanto do ponto de convergência da maioria deles: a *Plaza de Mayo*. Contudo, apesar da raiz das proposições iniciais me conduzirem ao estudo dos protestos (tanto piquetes quanto marchas e greves) ou àquilo que a eles concerne, proponho aqui inverter esta condição. Focalizo assim, no que surge através do olhar dos indivíduos que rotineiramente presenciam a seqüência multiforme de manifestações que eclodem no dia-a-dia da capital federal argentina, e procuro utilizar a literatura que trata do movimento piquetero como um suporte para as diversas questões levantadas durante o campo.

Seguindo a fala desses interlocutores e dedicando-me a ouvir suas experiências, realizei algumas entrevistas por meio das quais foi possível, com as opiniões de personagens do contexto diário de Buenos Aires, compilar uma série de tramas a partir das quais abordo, por fim, a questão de suas utilizações das categorias 'piquete' e 'piquetero' e a sua relação com o contemporâneo dos protestos.

Entre Janeiro e Março de 2007 pude fazer parte do cotidiano que procurei observar. Em todo esse tempo a *Plaza de Mayo* figurou centralmente no que constituiu como 'universo dos piquetes', em grande parte por intermédio de seu caráter distinto de "coração do centro porte-

no” e por sua condição de marco histórico (Sigal, 2006:*passim*). Defino ainda como *locus* principal desta pesquisa, o que denomino como “Caminho dos Protestos”, categoria retirada de uma infografia apresentada no jornal La Nación. A imagem apresentava o caminho dos protestos tal qual um corredor, com início na *Plaza del Congreso*, seguindo pela *Avenida de Mayo* até a *Plaza de Mayo*. Seguindo estes parâmetros, todas as entrevistas foram realizadas com pessoas que estavam em algum ponto entre estas duas praças.

É importante esclarecer e ressaltar que, embora muitas vezes os movimentos piqueteros possam parecer protagonistas deste trabalho (tanto pela força do caráter histórico de suas manifestações quanto pela presença constante que exercem na fala dos entrevistados), a proposta aqui se restringe a utilizar as suas ações para lidar com o mundo social a sua volta e como meio para compreender outras questões que surgem a partir dele, as quais serão definidas adiante.

A questão da roteirização dos piquetes e dos protestos, ou seja, a sua prática regular e cotidiana em vez de serem fenômenos irruptivos, assim como descreve Masseti[1] é observada, não somente por aqueles que tomam este mundo como objeto de estudo, como pode ser notado nas palavras daqueles indivíduos que figuram a narrativa que se segue neste texto, ou seja, aqueles que estão “de fora”. Este traço característico dos piquetes cria, segundo a idéia proposta pelo autor, uma “nova cotidianidade”, onde a homogeneização dos sentidos incorporados pelo piquete institui um caráter identitário onde esta manifestação conota desemprego [2].

Em suma, o que poderá ser visto é a emersão, a partir dos relatos dos indivíduos que estão do lado de fora do piquete, na condição de espectadores daquela manifestação ritualizada, de duas questões principais, as quais se propõem abordar: A primeira, a questão da qualificação do termo piquetero, um termo que teoricamente designa um determinado tipo de manifestante (o que está em uma organização piquetera) e uma determinada maneira de manifestar (o bloqueio de ruas e rodovias). A segunda, as representações que adquirem os manifestantes no contexto da cidade de Buenos Aires e como a categoria ‘piquetero’ ganha, a partir disso, um sentido mais abrangente. Assim, o traço particular que *a priori* distingue o movimento piquetero acaba sendo um dos componentes responsáveis por essa nova percepção.

## **2. A década de 90: o início da crise econômica e o nascimento do movimento piquetero.**

O tema do movimento piquetero é um assunto que constituiu, ao longo da última década, uma superprodução de textos e teorias na literatura argentina. Mesmo com o que muitos consideram como um declínio na quantidade de protestos e organizações piqueteras (fato que pretendo abordar mais a frente), este assunto ainda encontra-se em voga e por isso é possível, hoje em dia, obter acesso a diversos trabalhos cada qual conferindo sua versão sobre o marco zero do surgimento desta forma de manifestação.

Para que seja possível a compreensão do sentido que tomam hoje em dia esses protestos e também perceber a sua relação com a narrativa dos entrevistados neste trabalho, torna-se necessária a realização de uma pequena digressão que esclareça não somente o surgimento do

movimento piquetero, como também as diversas mudanças que ocorreram em sua forma desde então.

Alguns autores trabalham com a possibilidade do surgimento deste movimento a partir das manifestações que ocorreram em 1996 e 1997 nas cidades de Cutral-Có e Plaza Huincul, localizadas na Província de Neuquén[3] (1996) e também em General Mosconi e Tartagal na Província de Salta[4] (1997). Estas manifestações, nomeadas pela literatura como “Puebladas”, foram as primeiras de tal tipo a ganharem visão em nível nacional.

A Pueblada de Cutral-Có e Plaza Huincul (duas cidades limítrofes que constituem uma conurbação) ocorre em dois tempos: Primeiramente, entre os anos de 1994 e 1995, quando ocorre a privatização da empresa YPF[5] e a paralisação da indústria de construção nestes locais. Ambos os eventos geram uma enorme onda de demissões em massa e podem ser considerados como os determinantes para que as primeiras manifestações sucedessem, surgindo então as primeiras reivindicações por planos estatais para os desempregados.

O primeiro passo dado para a criação dos planos (que na atualidade são protagonistas de grandes discussões[6]) foi a Lei nº 2128, promulgada em 1995 pelo Governo Provincial de Neuquén, que estabelecia um sistema de subsídios mensais de \$150 pesos a chefes de família desempregados. Contudo, esta lei ainda não estava regulamentada, ou seja, não poderia haver pagamentos enquanto esta questão não fosse resolvida, o que precisamente produziu pressão popular por meio de muitos protestos.

A regulamentação não foi suficiente para acalmar as massas, principalmente por que o então governador, Jorge Omar Sobisch[7] não cumpriu com os pagamentos do subsídio. Os protestos se estenderam até que em 1996, início da segunda ‘fase’ de manifestação, obteve seu ápice.

Enquanto o movimento, que passa então a se autodenominar e também a ser denominado pela mídia como “piquetero” começa a refletir e se expandir a outras zonas do país, em Neuquén os desempregados ainda, após um ano de protestos massivos, lutavam pela regulamentação e pela atualização de valores da Lei nº 2128. A Pueblada, ou seja, a pequena parte da manifestação que obteve maior abordagem na literatura que relata o acontecido ocorre efetivamente em 21 de Junho de 1996. Neste dia, a “Ruta 22”[8] foi bloqueada e os manifestantes obrigaram a Sapag,[9] governador recém-eleito, a aceder à barricada para negociar.

Esta foi considerada a primeira vitória dos insurgentes que conseguiram uma série de benefícios como a concessão de subsídios aos desempregados, a reconexão de luz daqueles que não puderam pagar pelo serviço durante o período de desemprego e também uma série de obras públicas como escolas e hospitais.

A manifestação em Tartagal e Mosconi se diferenciou da primeira Pueblada principalmente pelo tipo de reivindicação. Enquanto o Cutralcazo, como ficou conhecida a primeira Pueblada, solicitava planos de subsídio, em Salta eram pedidos novos empregos, ou

“trabalhos genuínos” (Svampa e Pereyra, 2003:123) e não os “*Plan Trabajar*”[10] (Oviedo, 2001:52).

Afetados desde o ano de 1993 pelas demissões em massa da YPF, fato que elevou o nível de desemprego da região a alarmantes 75% do total da população[11], este novo lumpem, denominado de *fogoneros*[12] (e posteriormente piqueteros) pela mídia, começa a organizar-se para dar as primeiras formas ao *Movimiento de Trabajadores Desocupados* da Argentina por meio da *UTD – Unión de Trabajadores Desocupados de Mosconi*. Benclowics (2007: *passim*) caracteriza esta segunda grande manifestação popular como um acontecimento que concebeu maturação de experiências de luta e organização política em relação à primeira.

Fato é que ao obterem significativas conquistas e conseguirem atenção nacional através da mídia, estas duas manifestações foram de suma importância para a consolidação de uma nova forma de ação coletiva na Argentina. A partir destas experiências, deram-se os primeiros passos para que o movimento piquetero exista hoje sob a forma que se conhece.

Concomitantemente a estes eventos, o conhecimento da experiência piquetera estende-se pelo país chegando até a província de Buenos Aires. Oviedo (2004:60) afirma que uma das primeiras tentativas de organização na região da Grande Buenos Aires[13] ocorreu por meio das *Manzaneras*[14]. Estas são mulheres que, durante o governo provincial de Eduardo Duhalde (1991 a 1999), trabalhavam - sem cobrar salário - para o Estado, auxiliando na distribuição de alimentos do *Plan Vida*[15] em cada uma das “*manzanas*” inscritas no mesmo (Lacombe, 2005; Lodola, 2004 e Pacheco, 2004).

A primeira reivindicação ocorre em meados de 1997[16], quando as *Manzaneras de Avellaneda*- município da Grande Buenos Aires - se reúnem para exigir seus direitos como “trabalhadoras sociais”, e desta forma estar aptas à recepção dos ‘*Plan Trabajar*’.

Esta foi apenas a primeira de uma quantidade considerável de protestos que tiveram início nesta época na Província de Buenos Aires. O movimento surgia reunindo cada vez mais novos atores, em diferentes agrupamentos, cada qual com a sua vertente política. Surgem entre 1997 e 2000 dezenas de organizações de desocupados cujos reclames principais envolviam a distribuição de planos de subsídio[17].

Entre 2000 e 2001 essas organizações passam a ter o controle sobre a distribuição desses benefícios, o que imediatamente as coloca em relevante autonomia quanto à orientação de seus atos, assinalando uma “cultura dos subsídios”[18].

Diversos autores assinalam ainda que o estopim maior para a gênese do movimento piquetero como o vemos hoje, foi aceso a partir do chamado “19 e 20 de Dezembro de 2001”, episódio também denominado como o *Argentinazo*.

No ano de 1999 tem fim o governo de Carlos Menem e há o início do “*Gobierno de la Alianza*”[19], cujo presidente foi Fernando de la Rúa. A *Alianza* não teve problemas para ganhar as eleições, haja vista que a população já sofria com os efeitos da recessão e buscava um governante que não fosse do Partido Justicialista (Peronista), como era Menem.

Contudo, o governo da *Alianza* não obteve sucesso quanto ao controle econômico e a crise continuava a crescer. O ministro da economia à época, Jose Luis Machinea, realizou cortes de investimento em saúde e educação, bem como reduziu os salários dos trabalhadores estatais, com a intenção de equilibrar os gastos públicos. Além de não obter os resultados que buscava seus atos não foram bem recebidos, culminando com a sua exoneração apenas quinze dias após ter assumido a pasta. Machinea foi substituído temporariamente por Ricardo López Murphy, porém quem efetivamente assume o cargo de Ministro da Economia é Domingo Cavallo.

Cavallo, que atuou durante o governo menemista também como Ministro da Economia e instituiu naquele mandato o Plano de Convertibilidade, fixando o câmbio na paridade US\$1 dólar por \$1 peso argentino, opta (em 2001) por medidas enérgicas na tentativa de frear a fuga de capitais, sendo que a causadora de maior revolta na população foi o Corralito[20].

O filme *‘Memoria del saqueo’* do cineasta argentino Fernando Pino Solanas[21] narra muito bem este momento específico da história argentina, expondo em imagens todo o período apocalíptico da crise a partir do que ocorre na noite do dia 19 de Dezembro de 2001, momento em que a recessão chegava a seu ápice.

O filme, que é uma projeção documental, mostra cenas desta noite em que Fernando de La Rúa realiza um pronunciamento oficial em rede nacional que levaria a uma explosão de manifestações seguida por alguns dos atos mais cruéis de violência policial e repressão que a Argentina testemunhou no período pós-ditatorial. Por volta das vinte e duas horas, eram proferidas na televisão as seguintes palavras: “... *siento informarles que ante eso he decretado el Estado de Sítio en todo el territorio nacional...*”.

A partir disso, milhares de pessoas na capital instantaneamente saem de suas casas e caminham, com panelas em suas mãos, na direção dos dois órgãos governamentais mais importantes: A Sede do Governo Federal, na *Plaza de Mayo* e o Congresso Nacional, na *Plaza Del Congreso*. Cerca de meia hora depois, as duas praças estavam tomadas por sujeitos indignados que em um rompante de desobediência civil ao estado de sítio[22], batem panelas umas contra as outras, produzindo o barulho do metal contra o metal; tinha início o *cacerolazo* como forma de manifestação. A noite de 19 de Dezembro não terminou. Durante toda a madrugada a polícia reprimiu os manifestantes com balas de borracha e gás.

O dia seguinte tampouco foi mais calmo. Era uma quinta-feira, dia da tradicional *ronda* das *Madres* pela *Plaza de Mayo*. Nesta quinta, a praça não era mais delas. A cavalaria da polícia bonaerense reprimia qualquer grupo que se aproximasse da praça ou da Casa Rosada, por mais pacífica que fosse a manifestação. Sob os gritos de *‘la Plaza es de las Madres y no de los cobardes’*, a polícia expulsou violentamente os manifestantes. Este segundo dia de protesto foi cercado de marchas de MTDs, partidos políticos e organizações sindicais (Barbetta e Bidaseca, 2004:81), em diferentes pontos do centro da cidade.

Sobre este período, Sartelli[23] acrescenta que o *Argentinazo* funcionou como um “divisor de águas” na história argentina. O 19 e 20 de Dezembro de 2001 marcou a chegada dos

grandes protestos à capital e Zibechi (2003:179) chega a comparar estes dois dias com a tomada da *Plaza de Mayo* em 1945 pelos partidários de Perón.**[24]**

Verdade é que após este período de 1996 a 2001, uma nova perspectiva sobre os protestos é criada. As *Asambleas Barriales e Vecinales* ganham grande força, em parte, pela necessidade daquelas pessoas em buscar uma solução em conjunto. Ganha força também os movimentos e organizações piqueteras. Em 2001 e 2002 acontecem grandes reuniões nacionais em que estes grupos discutem suas formas de atuação e trocam experiências. Tinha fim a fase dos grandes protestos nacionais e entrava em ação os protestos locais, que dessa vez possuíam a prática adquirida das sucessivas manifestações anteriores. Estavam fundados os alicerces para a consolidação de uma nova forma de protesto na Argentina.

### **3. A praça e a expectativa – A entrada no campo.**

Durante os três meses em que estive em Buenos Aires para a pesquisa que por fim serviria de base a meu trabalho de conclusão de curso, uma situação foi constante no meio de tantas mudanças e incertezas que se impuseram em meu caminho: as idas diárias a *Plaza de Mayo*.

O ato de ir até a praça todos os dias, a espera que algum ato de protesto pudesse acontecer, foi a ação que por fim levaria a descoberta do caminho a ser percorrido durante a pesquisa. O chegar à praça refletia a fatigante dúvida gerada pelo desconhecimento e pelas incontáveis possibilidades. O que surgia diariamente ao sair do metrô na “Linha A” (cuja estação terminal desemborca sobre a *Plaza de Mayo*) ou ao cair da tarde quando se aproximavam as horas de tráfego intenso (horário em que costumeiramente algumas organizações utilizam para realizar suas manifestações) era tão acinzentado e inesperado que fazia surgir o receio pela possibilidade de uma ligeira ausência – o que poderia significar correr o risco de perder o despertar de algum novo evento. A experiência do "sentar-se à Plaza de Mayo" manifesta a dubiedade expressa na indeterminação do que pode suceder-se naquele espaço, sensação que embora neste momento inicial fosse nova, permaneceria durante todo o trabalho de campo.

Em diversas situações nas quais cheguei a campo, pude encontrar o barulho do rufar dos *bombos com platillo*, instrumento musical típico da *Murga Porteña***[25]** incorporado aos protestos unido ao ruído típico do falar de centenas de pessoas no centro da cidade; a praça cheia e uma estátua sendo fotografada por um turista: por mais que esta seja uma inusitada conjunção de fatores ela corresponde à mera rotina daquele espaço. Assim quase todos os dias o mesmo trajeto era percorrido, sempre com este tão conhecido sentimento de imprevisibilidade, onde a praça emergia como um palco para tamanha gama de acontecimentos que ali poderiam, a qualquer momento, tomar corpo junto àqueles que estavam ali presentes, os protagonistas do que poderia se tornar aquela experiência etnográfica.

O passar dos dias e a inexperiência, todavia não me fizeram amenizar esta primeira impressão de incerteza, cimentando ao invés disso, ainda mais aquilo que passava a se tornar uma importante engrenagem do trabalho de campo. O não-saber particular se converteu, ou se mostrou um não-saber coletivo e pude, então, perceber que o sentimento de expectativa que se

instalava em mim diariamente também se instalava naqueles que compartilhavam comigo das tardes em que estive sentada no gramado da praça.

A expectativa cujo esforço em detalhar venho desenvolvendo nesta primeira parte é em suma o componente essencial daquele espaço e daquelas pessoas. Mesmo os que estão acostumados com as possibilidades que permeiam o centro portenho não podem afirmar com total certeza o que poderá acontecer nas próximas horas ou mesmo nos próximos minutos. Todos os dias, o 'sentar-se à praça' se tornava um ato de aguardar pelo inesperado e também de ansiar pelo óbvio ou pelo extraordinário.

Logo ao iniciar o trabalho de campo estive de frente com o que parecia no momento ser um grave problema: como saber quando haverá manifestações na praça? Qual é o canal por onde essas informações são passadas e de onde sairão as marchas? Não conhecendo nenhuma pessoa que pudesse servir de ponte e sem meios para obter esse tipo de informação que não por intermédio de jornais e TV, o primeiro mês de pesquisa parecia estar a caminho da escassez de dados. Não saber que direção tomar foi o dilema principal durante esta primeira etapa. Ir todos os dias a praça ainda não me significava muita coisa e era fácil esquecer, em meio a tantas dúvidas, que as respostas poderiam ser encontradas justamente na solução desse questionamento.

A partir do momento em que o dilema da expectativa foi compreendido como parte da pesquisa, foi possível apreendê-lo como ícone primordial daquilo a ser observado. Deixando para trás qualquer esperança de que algo excepcional pudesse – e tivesse que – acontecer, e passando os dias na praça acreditando que cada evento observado ali era relevante, independente de uma manifestação ou de algum acontecimento considerado fora do ordinário, foi que pude pôr o foco no que realmente importava naquele momento: as particularidades de cada dia e no que cada palavra que me era dita poderia significar para além do que os olhos poderiam em um primeiro momento ver.

Em um dos primeiros dias de campo, saindo do metrô e caminhando em direção à praça, como fazia usualmente, vi um grupo de cerca de trinta policiais cercando e guardando a porta da Sede do Governo da cidade de Buenos Aires, localizada na Av. De Mayo e defronte à praça. Aproximei-me, olhando em volta, e percebi que não havia nenhum sinal de qualquer grupo protestando e nada descrevia um motivo óbvio para que aquele contingente de policiais estivesse ali. Apenas eles - os policiais - estavam parados, conversando de modo descontraído, o que me permitiu interromper e perguntar-lhes o que estava acontecendo. Assim, me aproximei e perguntei: *"Boa tarde. O senhor poderia me informar se está acontecendo alguma coisa?"*, perguntei de forma bem geral. O policial não satisfeito em fornecer apenas uma resposta e talvez intrigado pela pergunta vinda de uma suposta turista, replicou: *"Por que a pergunta?"*. E respondi, *"Ora, todos os dias eu passo por aqui e nunca vi essa quantidade de policiais parados aqui na porta, e, também, sempre que vejo um grupo muito grande de policiais assumo que alguma coisa está acontecendo."* Espirituosamente, ele me respondeu: *"É porque nós trabalhamos muito"*, me disse rindo. Sorri de volta e perguntei: *"Por que hoje tem tantos*

*policiais juntos aqui na porta? Alguma coisa está acontecendo?"*. Para ele, a resposta parecia bem óbvia, a julgar pela forma como deu de ombros como se fizesse pouco-caso ao que me respondeu com a frase que já me era familiar, mas que nunca fora tomada por mim com tanto sentido: *"Hoy vienen los piqueteros [26]"*. E completou: *"A qualquer minuto."*

'A qualquer minuto' era vago e naquele contexto poderia significar uma espera de quinze minutos ou mesmo demorar horas. O que fazer e onde esperar a chegada daquela possível manifestação? São perguntas que dentro de uma visão apriorística podem não significar muito, porém elas foram fundamentais naquele momento, pois o ciclo de interações que me promoveram foi sem dúvida de extrema importância.

Era por volta de meio-dia e, desmarcando o almoço que teria com alguns conhecidos e para onde inicialmente iria, permaneci na praça onde por uma hora, me sentei esperando que viessem os piqueteros. No entanto nenhuma mudança significativa aconteceu. Os policiais continuavam no mesmo local, porém nada na praça, ou em volta dela, poderia sugerir que um grupo de piqueteros estivesse chegando. Nenhum barulho que não fosse o de carros passando e pessoas falando, nenhum engarrafamento, nenhuma rua subitamente fechada pelos guardas da Casa Rosada. Começando a achar que algo estava errado, me levantei e olhei em volta. Dirigi-me a uma vendedora de cuias para mate, bebida tipicamente argentina, a qual conhecia de vista. Todos os dias ela estava na praça sempre no mesmo ponto, perto da Pirâmide de Mayo, e como uma turista pedindo uma informação, me aproximei. Perguntei-lhe se sabia de algo sobre a iminência da chegada de um grupo piquetero aquele dia à praça, ao que me respondeu com um sincero *"Não sei. Pode ser que sim, pode ser que não. Aqui na praça, nunca se sabe muito bem o que vai acontecer. Mas não ouvi nada não, você viu alguma coisa?"*.

Mesmo com meu sotaque, (situação por vezes adversa, porém inevitável quando estamos pesquisando fora do local onde vivemos) que achei que poderia sugerir eu nada sabia do que acontecia de fato na cidade, a vendedora rebateu minha pergunta como se a possibilidade de que eu tivesse alguma informação fosse igual à dela, de quem eu pressupunha que o conhecimento da rotina da praça e da dinâmica dos acontecimentos pudesse ser um indicador de uma direção confiável. Respondi contando minha história sobre os policiais na porta da sede do governo e ela assentiu, concordando que realmente um grupo piquetero deveria estar chegando, *"Já que estão aí os policiais"*.

Sem saber muito bem o que fazer e se esperava mais tempo ou não (já que com o tempo apertado, esperar poderia significar perda de tempo), e com o sol bem forte, perguntei se poderia me sentar perto dela, no chão, ao lado de sua cadeirinha. Ela concordou e me ofereceu um pedaço de papelão para que não me sujasse na grama pisoteada da praça. Sentei-me, e ali passei uma tarde inteira aguardando os piqueteros chegarem. Conversamos sobre eventualidades, porém não lhe disse que estava ali fazendo uma pesquisa. Ela não compreendia o meu interesse pelos piqueteros, pois, para ela, *"Eles sempre estão aqui na praça. Você ainda não conseguiu ver? Nossa! Então deu muito azar mesmo, porque eles sempre estão aqui"*



*fazendo barulho*”. De fato, até aquele dia, uma terça-feira de Janeiro, eu ainda não havia tido a oportunidade de ver um piquete.

Por volta de quatro da tarde, cansada de esperar, decidi arriscar e ir almoçar. Demorei cerca de meia hora para voltar à praça e quando retornei já não havia mais policiais na esquina da Sede do Governo. Sabendo por experiências anteriores que, por vezes, as manifestações acontecem rapidamente, corri até a senhora das cuias e perguntei se durante a minha saída, por infelicidade, o grupo de piqueteros havia chegado. Ela me respondeu negativamente e falou “*Acho que provavelmente eles não apareçam mais hoje. Talvez amanhã ou quinta. Quinta é bem provável, porque é o dia das Madres[27] e a praça está cheia.*” Ainda esperei por mais uma hora, o sol já se pondo, mas nada de piqueteros. Naquele dia, saí exausta da praça, ajudando aquela senhora, que mais a frente se tornaria parte importante das minhas idas a campo, a fechar sua barraquinha e arrumar suas coisas para ir embora.

Quando retornei para casa, com aquele pesado sentimento de dia perdido nas costas, não poderia imaginar que o ponto importante para mim seria, muitos dias depois, a não-chegada dos piqueteros. Ainda assim a curiosidade de saber quem eram aqueles piqueteros, esperados com anseio por mim e pela polícia federal, era latente. Quem eram aquelas pessoas que a vendedora, a polícia e, em certo ponto, eu, chamávamos pelo termo piqueteros?

#### **4. Todos são piqueteros.**

A inconsistência quanto à previsão de um protesto já havia acontecido anteriormente. Cerca de três semanas antes do episódio relatado acima, uma quarta-feira, 17 de janeiro, pude verificar a edição on-line do jornal *La Nación*, onde li a notícia de que no dia seguinte haveria uma ‘Marcha pela aparição de López’. A notícia informava que na dada quinta-feira, completariam quatro meses desde o desaparecimento de Jorge Julio López, um senhor de então 77 anos, ‘testemunha chave’ nos julgamentos dos crimes da ditadura. López foi ‘seqüestrado’ em um domingo, 18 de Setembro de 2006, véspera do último dia do julgamento de Miguel Etchecolatz[28], onde iria prestar seu último testemunho. A marcha, vinda da cidade de *La Plata*, capital da província de Buenos Aires, localizada a 60 km da capital federal, sairia da *Plaza del Congreso* e caminharia até a *Plaza de Mayo*. Informava também a notícia, que a marcha sairia às 14h de *La Plata* e tomaria o trem de 15h e 30 para a capital, onde encontraria com outras organizações de direitos humanos, sindicatos e partidos políticos.

No dia seguinte, por volta de uma hora da tarde, saí de casa e andei a distância de uma quadra que me separava da *Plaza del Congreso*. Era uma quinta-feira de muito calor, porém a cidade estava vazia (devido ao período de férias escolares) e poucos carros passavam pelas ruas. Chegando à praça vi um ônibus turístico estacionar em frente ao Congresso Nacional e pensei, antes de notar as câmeras fotográficas, serem as primeiras pessoas a chegar para a manifestação.

Optei por me aproximar das grades que cercam o Congresso e perguntar a um dos policiais federais que fazem a segurança por algum tipo de informação. “*Boa tarde, eu posso lhe fazer uma pergunta?*”, gritei ao policial que estava a uns 10 metros de mim. Muito sério ele me

olhou e desceu as escadas, apenas dizendo *“Um minuto”*. Receosa de que talvez aquela não fosse uma boa idéia, esperei onde estava. Esse foi o primeiro contato entre mim e o Agente Luis, que em segundos passou pela abertura entre as grades e veio até o lado de fora conversar comigo. *“O senhor sabe se hoje haverá alguma manifestação aqui na praça?”*, lhe perguntei de forma bem direta. *“Informaram-nos que sim, que hoje haveria uma manifestação, mas estava marcada para as duas horas e até agora não chegou ninguém. Acho que eles não vêm mais”*, respondeu o policial com o olhar distante para a praça, onde constatava, assim como eu havia minutos antes, que nada aquele dia parecia sugerir uma manifestação. *“Você ficou sabendo de algo?”*, perguntou ele da mesma forma que a vendedora de Mates dias depois, viria a me perguntar. *“Sim, li no jornal que a manifestação sairia de La Plata às 14h, mas só chegaria aqui por volta de seis da tarde. Ainda assim, sai mais cedo porque não sabia muito bem que horas as pessoas da capital chegariam”*. O Agente Luis informou então que a informação passada a ele pelos seus superiores era, realmente, de que às duas horas chegariam os manifestantes, mas não lhe foi especificado se às duas da tarde em *La Plata* ou em *Buenos Aires*.

Ficamos os dois conversando por certo tempo, no qual fomos interrompidos por diversas pessoas que passavam e pediam informações sobre a direção de ruas e estabelecimentos. A mais considerável dessas interrupções foi a de policiais federais à paisana que também haviam ouvido falar de uma manifestação. Fiquei ao lado de Luis, entreouvindo a conversa entre ele e os outros dois homens ao que pude compreender entre suas palavras rápidas: *“Ela também está me perguntando da manifestação. Disse que leu no jornal que os piqueteros só chegam às seis.”* Em nenhum momento de nossa conversa, sugeri que as pessoas que dentro de momentos chegariam para o protesto eram piqueteros.

Nossa conversa continuou após aqueles policiais irem embora e o falante Luis finalmente abordou a questão dos “piqueteros”, como se fizesse uma continuação do assunto anterior: *“Eu não tenho nada contra não, sabe? Mas esses ‘piqueteros’ vêm aqui com o único motivo de quebrar tudo. Imagine você, eu trabalho neste prédio histórico e lindo que é o Congresso Nacional. Essa arquitetura exuberante, cheia de história e de pessoas importantes que já passaram por aqui e eles várias vezes vêm somente para depredar tudo. Vêm com pedras e pedaços de pau na mão, destroem o patrimônio público e também o seu próprio patrimônio. Porque isso aqui não é só importante para mim ou para você, que é turista. É importante também para eles e para os filhos deles, para que as novas gerações conheçam sua história”*, discursou, em um tom mais sério, o policial. *“Mas todas as manifestações são assim... violentas?”*, perguntei. *“A maioria. A de hoje, se tiver, não sei como vai ser. De qualquer forma, tome cuidado e procure não falar perto deles. Se eles perceberem o seu sotaque, podem te atacar.”* Ao mesmo tempo assustada com a afirmação do policial, porém um tanto quanto cética, esbocei em tom afirmativo *“Mas hoje não vêm somente organizações piqueteras... eu li no jornal que a manifestação de hoje seria apoiada majoritariamente por organizações de direitos humanos, sindicatos e partidos políticos”*. Nesse momento Luis não conseguiu verbalizar imediatamente o que estava pensando. Permaneceu alguns instantes ainda com o

olhar vago, sem saber o que dizer e finalmente respondeu: “*Os piqueteros sempre estão nessas manifestações, são eles que [as] organizam*”.

Após as conversas com Norma e Luis tornou-se visível que a expectativa era uma questão manifesta não apenas para mim. Partindo da informação sobre a obrigatoriedade legal de informar às autoridades sobre qualquer tipo de manifestação que ocorra na cidade, (sob pena de multa e mesmo prisão) não cogitei em princípio a possibilidade de encontrar dificuldade quanto às informações e divulgação de protestos. A imagem construída na minha cabeça de acordo com as leituras e com os dados adquiridos pelos jornais argentinos durante a fase anterior ao campo, me passava a idéia de que todo o processo para a construção de uma manifestação era muito bem organizado e propagado. A exemplo, inúmeras foram as vezes em que verifiquei no jornal, ainda no Brasil, relatos sobre marchas e piquetes, um dia antes deles acontecerem e por isso havia a aparência de que essas manifestações seriam sempre divulgadas através de algum meio midiático.

Com a experiência que adquiri em campo pude perceber, algum tempo depois, que a divulgação funciona bem para aqueles que estão ativos nos movimentos. A rede que se constrói para a divulgação dos protestos atinge principalmente aos interessados em dela participar e, para mim, uma estrangeira recém-chegada e demasiado inexperiente, obter este tipo de informação era uma tarefa árdua. Nem todas as manifestações são divulgadas de antemão pela mídia e não consegui, durante o campo, encontrar uma lógica clara sobre quais e por que algumas são publicadas em detrimento de outras, porém apenas aponto este fato, mas não discutirei esta questão. Ainda assim, os jornais ofereciam informações mais concretas do que as que eu poderia, naquele primeiro momento, descobrir com policiais ou desconhecidos.

Quanto ao uso do termo ‘piquetero’, é notável nos dois relatos anteriores que é feito o uso do vocábulo, entretanto sem que as pessoas tivessem convicção de que aconteceria um protesto de uma organização piquetera. A certeza, no caso, era aparente em suas falas, mas com o tempo tornou-se perceptível a associação momentânea que ocorre entre manifestação popular às organizações piqueteras. Estando eu imersa em uma literatura que categorizava os ‘piqueteros’ em um sentido bem restrito e estático, tal qual exposto na parte introdutória deste trabalho, seria muito fácil perceber que as que estavam na ‘*Marcha por la desaparición de Julio López*’ em 18 de Janeiro, não eram [em sua totalidade] as mesmas de quem falavam Norma e Luis quando me descreviam os “piqueteros”.

Algumas semanas após essa marcha, a primeira que presenciei, apenas cinco dias depois de minha chegada, iniciei algumas entrevistas a comerciantes da *Av. De Mayo*. O primeiro estabelecimento, um restaurante próximo a *Plaza Del Congreso* (um dos extremos) dessa avenida, estava vazio. Era tarde da noite e decidi que aquela seria uma boa hora para abordar os que ali trabalhavam, pois a queda do movimento tornaria mais fácil conseguir a atenção dos funcionários. Sentei-me no balcão e iniciei uma conversa com Mário, que descobri ser o dono do local. Sendo bem clara e indo diretamente ao ponto, lhe contei que estava realizando uma pesquisa e ele, imediatamente, se interessou. Pareceu bem-disposto a falar sobre o tema e me

pediu alguns minutos, nos quais terminaria de fechar o caixa: *“Aguarde um minuto e depois nos sentamos em uma mesa e conversamos com calma”*.

Iniciamos então uma boa conversa que durou até o chão terminar de ser lavado e todas as mesas e cadeiras estarem limpas e arrumadas para o dia seguinte. O senhor Mário trabalhava naquele local há apenas três anos, mas segundo ele, o suficiente para *“ver muitos piqueteros passarem aqui pela porta”*. Mário, assim como várias outras pessoas com as quais conversei, não gosta dos piqueteros e lhes faz muitas críticas. O início da conversa foi marcado pela forma como Mário separava ‘eles’, os piqueteros de ‘nós’. *“Os piqueteros manifestam a esmo”*, iniciou. *“Estar no caminho dos piqueteros lhe prejudica? O senhor precisou alguma vez fechar as portas por conta de um piquete?”*, perguntei, apontando para a porta e janelas de vidro. *“Não, de forma alguma. Os piquetes estão aí sempre, de Março a Dezembro. Se eu for fechar minha porta, ela vai ficar fechada o ano todo e aí eu não vou ganhar dinheiro, não vou me sustentar.”* Perguntei se ele se importava que a porta de seu estabelecimento fosse passagem rotineira para alguma manifestação. *“Não é uma coisa que comprometa ou que prejudique. Assim como vocês no Brasil tem aquele lugar para o Carnaval, para o samba...”* *“Sambódromo?”*, completei. *“Sim, Sambódromo. A Av. De Mayo é o nosso protestódromo, marchódromo, não sei como dizer – mas sem as moças bonitas sambando. Nós já estamos acostumados”*.

O tom descontraído da conversa mudou quando começou a me explicar que em dias de piquetes, dezenas de crianças entravam em seu restaurante para pedir esmola aos clientes. O ato de entrar em estabelecimentos para pedir dinheiro pode ser considerado costumeiro em Buenos Aires, onde muitos locais não se opõem à entrada principalmente de mulheres e crianças que abordam os clientes em busca de trocados e comida. Na grande maioria dos estabelecimentos essa não é uma prática reprimida, porém Mário me falava como se isto fosse usual apenas em dias de piquetes. *“Quando tem piquete, você precisa ver a única coisa que realmente muda é que o restaurante fica cheio. É bom para as vendas, porque sempre vêm alguns deles aqui e consomem, mas em compensação nesses dias você vê várias crianças entrando aqui para pedir esmola. Essas crianças conseguem uns \$40 pesos por dia, mais o subsídio do Estado, você sabe, os planos[29]. E mais o que os ‘punteros’[30] pagam pelos piquetes. Essas famílias têm tanto dinheiro quanto um trabalhador que procura um emprego de verdade. E ainda algumas dessas pessoas recebem esse dinheiro do Estado e trabalham ilegais, sabe? Eles conseguem empregos que paguem menos! Eu entendo que eles precisem manifestar, porque alguns têm umas causas muito sérias e importantes, mas tampouco se pode viver todos os dias manifestando. Nosso país se prejudicou muito há um tempo atrás, muitas pessoas perderam seus empregos, mas hoje já temos empregos por aí.”*

Cerca de dois meses depois, no dia 1º de Março, pude observar um pouco daquilo que Mário havia compartilhado comigo. Neste dia, o presidente Néstor Kirchner iria até o Congresso Nacional para inaugurar o período de sessões ordinárias do ano. Durante toda a semana a *Plaza Del Congreso* foi preparada para a recepção dos ‘30.000 piqueteros e militantes’ que estavam sendo aguardados para a solenidade que, com atraso, foi iniciada por volta de uma da tarde. Coincidentemente eu estava almoçando no restaurante de Mário e pude, pelas grandes janelas

de vidro, assistir enquanto as diversas organizações chegavam com suas bandeiras, canções e batucadas ritmadas. Assistindo a cena através daquela janela foi possível entender a analogia de Mário com o sambódromo carioca. O espetáculo ritmado do desfile das escolas de samba se fazia retratar na chegada das organizações. Decerto, eles estavam a caminho de uma solenidade, era um dia de festa e o tom de protesto se perdia nos rostos da majoritária presença de adolescentes que dançavam, pulavam, riam e se misturavam em meio ao azul e branco da bandeira argentina amalgamada ao vermelho-mercúrio das bandeiras de Che Guevara. Sentada ao pé da grande vidraça, passavam por mim ‘eles’, e ‘nós’, dentro do restaurante, contemplávamos o desfile; era inevitável não ter a atenção desviada pelos sons e pelas pessoas que passavam e todos os clientes conversavam a respeito.

Se bem que fosse um evento fora do ordinário e não um piquete (embora muitas organizações piqueteras houvessem comparecido) foi possível conceber no imaginário as situações sobre as quais Mário me falara naquela noite de dois meses antes. Olhei em volta e percebi que os funcionários do restaurante também haviam parado de trabalhar e estavam próximos à janela e à porta (que apesar da chuva forte e da ventania, foi deixada aberta fazendo com que o som dos bumbos se propagasse ainda mais dentro do ambiente). Dois deles conversavam animadamente sobre as diversas vezes em que já haviam presenciado aquela situação e, rindo, zombavam dos piqueteros.

As críticas que Mário havia feito me foram repetidas, de modo que quase soavam como um discurso decorado, por Luiz Gonzalo Olavarría, um idoso senhor que trabalhava como taxista. Assim que entrei em seu carro, ainda sem que lhe tivesse dito o destino, ele avisou *“Olha, terei que fazer um trajeto diferente porque as ruas estão fechadas. Para onde vocês querem ir”*. Antes de respondê-lo, perguntei *“Por que as ruas estão fechadas? Algum acidente?”*, mesmo concebendo a idéia de que o motivo provavelmente não fosse esse. *“Não. São os piqueteros, eles bloquearam a rua.”*

Pensando em descer do taxi e ir para a manifestação, perguntei ao senhor Olavarría se ele poderia me dizer onde exatamente estavam os ‘piqueteros’ e quiçá me levar até eles. *“O senhor viu onde eles estão?”*, argüi do taxista que percebeu então o meu interesse pelo tema. *“Não os vi, mas uns conhecidos me avisaram para não passar por certas ruas porque os piqueteros haviam fechado tudo! Eu não agüento ninguém mais nessa cidade agüenta. Todos os dias têm um grupo em algum ponto fechando as ruas e fazendo esse caos no trânsito.”* Assenti com a cabeça e lhe expliquei que esse era exatamente o motivo que me levava até Buenos Aires. Ele riu e de maneira irônica perguntou *“Não havia nada melhor e mais bonito pra você estudar não?”*.

Após mais algumas perguntas curiosas sobre o meu interesse, aquele senhor iniciou um discurso sobre a distribuição dos planos estatais. Para ele, assim como para Mário e muitos outros dos personagens com os quais tive contato, o cunho do que significa ser um piquetero possuía uma característica negativista, centrada na noção de que ‘os piqueteros’ são os desocupados (no sentido pejorativo que esta palavra adquire em português) que marcham

apenas para conseguir os planos, que “*hoje não é como antigamente*”, mesmo que esse passado mencionado seja breve.

Também não sabia o senhor Olavarría, onde estavam esses piqueteros e como ou por que estavam se manifestando; Entretanto, desviava seu caminho assim mesmo, acreditando no que ‘*havia dito uns amigos*’. Como sabia ele que eram os piqueteros? O que o fazia acreditar que aquelas pessoas eram piqueteros e não assembleístas ou militantes de algum partido político?

Brincadeiras à parte, o discurso do senhor Olavarría punha-se de acordo com aquilo que muitas outras pessoas já me haviam dito antes: Os piqueteros eram, para ele, sinônimos de caos no trânsito e recebimento injusto e mercantilizado de subsídios estatais.

Naquele momento, na cidade de Buenos Aires, diversas outras manifestações tomavam lugar e que nada tinham a ver com os grupos piqueteros e suas reivindicações. A *Asamblea de San Telmo* [31] estava agindo ativamente em apoio à causa de Gualeguaychú [32], convocando para atos de repúdio à empresa finlandesa Botnia e as manifestações programadas com antecedência eram aquelas pelo desaparecimento de Julio Lopez (aconteciam todo dia 18 de cada mês) que conjugavam muito além das organizações piqueteras, partidos políticos, sindicatos e organismos de direitos humanos, assim como indivíduos sem qualquer tipo de vinculação política. Mesmo assim, as pessoas as quais entrevistei insistiam nos termos ‘*piquetero*’ e ‘*piquete*’, para assim denominar os protestos que aconteciam e que presenciavam.

Mencionar a categoria piqueteros era sempre uma atitude arriscada durante as conversas e entrevistas. Incontáveis foram as vezes em que, conversando com conhecidos, falar nos piqueteros originava naturalmente uma discussão, na qual quase sempre o veredicto era o mesmo – ‘eles’ são indivíduos desocupados que se acomodaram na facilidade do recebimento dos planos.

## 5. Considerações finais

Muito foi dito pelos entrevistados sobre os piqueteros. Em nenhuma das conversas que tive, durante o período de três meses em que foi realizada pesquisa, alguma pessoa se mostrou inapta a categorizá-los ou rotulá-los, sempre de forma pejorativa. Porém, o que me falavam não provinha apenas de descrições lidas em livros e este era exatamente o diferencial que os legitimava. Por mais que, na maioria das vezes, as palavras proferidas pudessem soar levemente como assumpções, o que aquelas pessoas expressavam eram opiniões calcadas a partir da soma de elementos fundamentais da vida cotidiana: tudo aquilo que viam na mídia, ouviam em conversas e testemunhavam presencialmente. Seria possível dizer que a confluência dessas experiências resulta no processo de (res) significação daqueles atos de protesto. A todo tempo as manifestações são chamadas [pelos entrevistados] de piquetes, mesmo que estas ações coletivas não possuíssem vínculo com a definição “clássica” do termo.

Como foi pontuado durante a retrospectiva histórica realizada na introdução deste trabalho, o movimento piquetero não ‘nasce’ como um movimento. Sua gênese se dá a partir de insurreições populares no interior da Argentina. Nesse sentido, Masseti (2006:29) ressalta a

importância da inclusão da *Gran Buenos Aires* como “núcleo de conflitualidade social”. A chegada dos protestos à capital e a transformação de insurreição em movimento ocorre, para o autor, de forma tanto quantitativa quanto qualitativa. Cresce o número de protestos urbanos e há o *boom* das ‘organizações piqueteras’, que foi concomitantemente acompanhado da grande visibilidade que adquire o protesto ao atingir as cercanias da capital federal.

Por ocasião do governo Kirchner, Masseti (2006:31), elabora que o piqueterismo, agora como movimento, sofre demasiadas rupturas e mudanças estruturais a partir de 2003. Sua hipótese prescreve que partindo de um governo que ele denomina como “progressista” e “[que] absorveu muitas demandas sociais”, aliado a uma forte representação midiática que deslegitimava o piqueterismo, produz-se um desgaste que leva (ou induz) a opinião pública a crer na sua desqualificação moral e política.

A relação tradicional com os piquetes de outrora e o regresso à identificação com o 19 e 20 de Dezembro de 2001, com o clima heróico de ‘*cuando éramos duros*’ (Curto, 2006:155; Svampa e Pereyra, 2003: *passim*), demonstra a insatisfação expressa pelos piquetes de hoje não serem como os de antigamente, ou como representa Masseti (2006:35), “*piqueteros eran los de antes*”.

A estigmatização e a depreciação dos piqueteros foram temas em pauta nas matérias do jornal *Página 12* [33] de Fevereiro de 2004. Em dadas notícias, “o aprofundamento do choque com a sociedade” aparecia como manchete. Tal afirmação foi obtida por meio de uma enquete realizada pelo instituto OPSM [34], “onde nove entre cada dez cidadãos estavam pouco ou nada de acordo com as organizações piqueteras”. Ainda segundo o jornal, o que emana de tão elevado nível de oposição só poderia vir em forma de preconceito e grande violência.

Uma ampla lista de adjetivos pejorativos pode ser elaborada apenas lendo as duas matérias: negro de *mierda*, *morocho*, *vago*, *súcio*, *inservible*, *basuras*, *lacras*. [35] Não somente com a intenção de menoscar aqueles que, para os entrevistados da matéria, estavam provocando um grande engarrafamento, tais expressões manifestam o caráter racista e por vezes xenófobo que adquirem as reclamações, vide os três excertos abaixo:

“Negro hijo de puta, andá a trabajar.” La respuesta fue tajante: “El trabajo no existe”. “Dejame pasar, tengo que ir a trabajar.” La réplica fue fulminante. “A mí qué me importa. Yo no tengo trabajo.” Puente Pueyrredón, Avellaneda, Avenida 9 de Julio, el diálogo hostil es parecido: “Andá a laburar, negro”. La contestación fue inmediata: “Esto es trabajo” [36]

“Son unos negros de mierda que no quieren laburar ni hacer nada, habría que matarlos a todos, ni siquiera vale un peso que es lo que vale la bala para matarlos” [37]

El que opina que los piqueteros son en realidad extranjeros, agrega que “vinieron atraídos por el dólar y se quedaron. ¿Cómo no se van a quedar? Hay que ver en qué condiciones inhumanas vive esa gente, las villas miserias les saben a paraíso” [38]

O piquete consiste na “*marcha*”, ou seja, o ato de caminhar a algum lugar com o intuito de protestar aliado muitas vezes ao “*corte de ruta* ou *calle*”, este último, versão urbana dos

bloqueios de rodovias de 1996 e 1997. Quirós (2006: *passim*), em sua pesquisa no município de Florencio Varela – localizado na região da *Gran Buenos Aires* – narra sobre a importância do ato público de realizar passeatas e de bloquear ruas. Embora envolva o despertar de uma série de sentimentos negativos e positivos, desde vergonha a orgulho, de acordo com a autora, o “ato de marchar” corresponde a “aceitar as regras do jogo”, ou seja: o *compromisso* (ou o dever) de marchar dá o *direito* a receber as “*cajas de mercadería*” e não ter seu plano de subsídio ‘cortado’ ou ‘suspense’. É possível dizer que a *marcha* atua, naquele contexto, como meio para que aqueles indivíduos sejam legitimados no interior da organização piquetera.

A marcha ganha, a partir do relato de Julieta sobre o MTD de Florencio Varela, um sentido muito maior do que exposto por Mario em uma das descrições deste capítulo. Relembro que para ele os protestos que percorrem a Avenida de Mayo são vistos como algo que beira o carnavalesco. Esta relação entre o carnaval e o protesto é lembrada por Sigal (2006:282), que relata a manifestação de 17 de Outubro de 1945, ou o *Dia de La Lealtad*[39] e também por Zibechi (2003:142), que aborda a questão da importância da solidariedade interna dos protestos. Destaco neste autor o seguinte extrato:

La solidaridad interna és tanto o más importante; es la que da fuerza al piquete, la que permite el aguante, la generadora de autoestima. Véase que mientras en el barrio la policía ataca a los pobres, en el piquete es al revés. *Es la inversión del mundo, el carnaval, la fiesta de los pobres.* (ZIBECHI, *op.cit.*, grifos meus)

Quirós (2006:36) entra ainda em contato com um novo tipo de designação: o estar com os piqueteros. Ao início de sua narrativa, encontra-se com Nani, uma senhora que, segundo lhe haviam dito, era piquetera. Ao abordar tal senhora, Julieta comete uma gafe que não poderia ser esperada por ela: menciona que sabia que Nani havia participado de um piquete e que talvez pudesse ajudá-la. A reação de Nani ao comentário de Julieta vem em tom rancoroso “*Yo no soy piquetera. No tengo nada que ver con eso.*”

Admitindo que possa no máximo realizar conjecturas, Julieta termina seu livro reconhecendo que há uma nova “classificação nativa”: o “ser” piquetero, tão difundido pela mídia, pelos estudiosos e por aqueles que estão “de fora” é substituído pelo “estar” com os piqueteros.

Compreender este processo de ressignificação demanda não somente uma perspectiva diacrônica, como também sincrônica e atual. Ressalto com apreço que os protestos de 1997 não são os mesmos de 2001 e 2002, assim como os de 2007 não são os mesmos de 2004. As opiniões expressas acima, nos extratos do jornal *Página/12* são parte integrante de uma determinada época e seria injusto querer deslocá-las no tempo para que servissem hoje em dia ao que representam os protestos e os seus atores. Assim como a fotografia pode ser definida como a captura de um momento fugaz da realidade, os artigos de jornal e mesmo os trabalhos acadêmicos correspondem a uma “fotografia” de um restrito momento de entrevista ou de pesquisa. Por isso, ratifico que durante o trabalho de campo não presenciei nenhum tipo de (des) qualificação pejorativa racista como as expostas pelo jornal *Página/12*.



Decerto o raciocínio dos entrevistados neste trabalho demonstra que os piqueteros eram vistos como indivíduos incapazes de “buscar trabalho”, pessoas que protestavam demasiadamente e que, por vezes, poderiam ser violentas – assim como me disse Chechu, uma advogada de vinte e sete anos que comigo vivia. Quando se referia aos piqueteros, ela mudava de expressão. Rapidamente ficava vermelha e seu tom de voz se alterava. A herança italiana, como ela mesma repetia sempre que possível, lhe deixava o sangue quente. Dizia que em determinada vez os piqueteros quase a atingiram com uma pedra na cabeça, bem em frente ao Congresso Nacional. “*Son uns hijos de puta desgraciados*”, como a havíamos ensinado a dizer em português e que repetia sempre em espanhol.

Porém, creio que o ponto principal deste capítulo é dado pela expansão do que significa o piquete, ou melhor, da influencia que esta ação coletiva produz em outros tipos de protesto. O método utilizado pelo movimento piquetero para realizar suas manifestações, unido às generalizações sumárias produzidas pela mídia no decorrer dos anos parece ter sido responsável pelo desenvolvimento de um sentimento de repulsa na população, que posteriormente se estende.

No momento presente, protestos de natureza dessemelhante à do piquete também são categorizados pelos indivíduos os quais entrevistei como atos de organizações piqueteras. Trabalho aqui parte deste processo de expansão de significados, porém, assim como Julieta, posso apenas conjecturar sobre os motivos que levaram a esta mudança e sobre os novos significados adquiridos. Dentre as inúmeras possibilidades existentes, tanto os piquetes podem hoje em dia significar muito mais do que bloqueios de ruas e rodovias, quanto a aversão que produziram na população pode ter se estendido a outros tipos de protesto. Entre uma opção e outra, posso apenas afirmar com certeza que o mundo social à volta dos piquetes influenciou opiniões e modalidades de ação e foi pelos piquetes, influenciado. 🌀

## NOTAS

\* Aluna do 10º período de Ciências Sociais. Universidade Federal Fluminense (UFF). Bolsista IC – Prof. Dr<sup>a</sup>. Lygia Sigaud (MN/UFRJ). Professor Orientador: Prof. Dr. Marcelo Rosa (UFF). E-mail: [graziella.ximenes@gmail.com](mailto:graziella.ximenes@gmail.com)

[1] MASSETI, Astor. Piqueteros – protesta social e identidad colectiva. Buenos Aires: FLACSO, 2004: 70.

[2] Idem.

[3] A Província de Neuquén se localiza na parte Oeste da Argentina e dista 1.156km da Província de Buenos Aires. (Fonte: Secretaria de Turismo da Argentina)

[4] A Província de Salta se localiza na parte Norte da Argentina e dista 1.605km da Província de Buenos Aires. (Fonte: Secretaria de Turismo da Argentina)

[5] YPF – Yacimientos Petrolíferos Fiscales. Sua privatização se deu em várias etapas, sendo a última em 1999 quando passou a se chamar Repsol-YPF.

[6] O assunto é abordado com maior profundidade mais adiante.

[7] Jorge Omar Sobisch iniciou seu primeiro mandato como governador da Província de Neuquén em 1992. Em 1999 ganha novamente as eleições e governa até 2003, quando consegue

uma reeleição (até 2007). Recentemente foi candidato nas eleições presidenciais argentinas, terminando sua participação com 1,57% dos votos. Seu nome também esteve em ampla relevância midiática por conta do assassinato de Carlos Fuentealba, docente e líder sindical argentino em 4 de Abril de 2007. Fuentealba foi morto por uma ‘granada’ de gás lacrimogêneo que foi lançada pela polícia à queima-roupa. Questiona-se que a polícia tenha usado de repressão violenta mediante ordens de Sobisch.

**[8]** A Ruta Nacional 22 é uma rodovia que liga a Província de Buenos Aires até a Província de Neuquén,

**[9]** Felipe Sapag eleito de 1995 a 1999 como governador da Província de Neuquén., substituindo a Jorge Sobisch.

**[10]** O programa Trabajar II foi criado por meio da resolução nº 240/97 do Ministério do Trabalho e Seguro Social da Argentina. O plano não podia ser inferior a três meses ou superior a seis e durante o tempo que fosse contemplado, o beneficiário receberia uma quantia mensal e individual de até \$200 pesos.

**[11]** BERACOCHEA (1998) *apud* Svampa, M.; Pereyra S. Entre La ruta y El barrio. La experiencia de las organizaciones piqueteras. 2 ed. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2003: 108.

**[12]** Denominação dada aos manifestantes que, durante os bloqueios de estradas, ateavam fogo a pneus e pedaços de madeira. Essa denominação surge em Cutral-Có, durante a primeira Pueblada e se estende à manifestação salteña.

**[13]** A região denominada como “Gran Buenos Aires” corresponde a um total de 24 municípios e a capital federal (cidade de Buenos Aires)

**[14]** A denominação Manzanera corresponde a palavra Quarteirão em português.

**[15]** O Plan Vida tem início em 1994 e consistia, na época, na distribuição de meio litro de leite por dia e uma ração de ovos e cereais por semana a mulheres grávidas e crianças. (Fonte: Clarín Digital de 27 de Janeiro de 1997)

**[16]** Oviedo, Luis, *op. cit.*

**[17]** *Idem.*

**[18]** SVAMPA, M.; PEREYRA S. Entre La ruta y El barrio. La experiencia de las organizaciones piqueteras. 2 ed. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2003: *passim.*

**[19]** A Alianza por el Trabajo, la Justicia y la Educación foi uma união entre a União Cívica Radical e a Frepaso (Frente País Solidário, que reunia diversos partidos de esquerda) com o propósito de vencer as eleições de 1999 na Argentina.

**[20]** Corralito foi a política econômica imposta, em Dezembro de 2001, no governo do então presidente Fernando de la Rúa por seu Ministro da Economia, Domingo Cavallo. Limitava os saques a \$250 pesos por mês por correntista. A idéia era evitar que se ampliasse a corrida bancária gerada pela desconfiança em De La Rúa, cujo efeito seria uma queda brusca nas reservas do Banco Central. Esta política econômica perdurou até Dezembro de 2002.

**[21]** Fernando “Pino” Solanas é um cineasta e político argentino. Concorreu nas últimas eleições (2007) para presidente da Argentina pelo Partido Socialista Auténtico, obtendo 1,6% dos votos. (Fonte: Diário Clarín)

**[22]** Barbeta e Bidaseca (2004) mencionam a expressão ‘desobediência civil’ para fazer referência ao 19/20 de Dezembro de 2001.

**[23]** SARTELLI, Eduardo. La Plaza es nuestra. Buenos Aires: Ed. Ryr, 2007:136 *et seq.*

**[24]** Em 17 de Outubro de 1945 a Plaza de Mayo enche-se em uma manifestação popular que ficou conhecida pelos Peronistas como Dia de la Lealtad.

**[25]** A murga é um gênero carnavalesco cuja origem se dá na Espanha. Está presente no Uruguai e na Argentina. Durante o Fevereiro, mês em que é celebrado o Carnaval na Argentina, as dezenas de “Agrupaciones Murgueras” ou “Centro Murgas” de todo o país saem às ruas para desfilarem. Em Buenos Aires, as Murgas costumam desfilarem todos os finais de semana de Fevereiro. A música ‘murguera’ é composta sobre uma base de som composta apenas pelo “bombo con platillo” (um bumbo que preso por correias aos ombros, é carregado na frente do corpo com um pequeno prato de choque acoplado em cima do instrumento) e um apito de marcação.

[26] Hoje virão os piqueteros.

[27] Madres de Plaza de Mayo.

[28] Miguel Osvaldo Etchecolatz é um ex-policial detentor do cargo de Diretor de Investigações da Polícia da Província de Buenos Aires durante o período da ditadura militar Argentina. Em 19 de Setembro de 2006 (um dia depois do desaparecimento de Julio Lopez) foi sentenciado à prisão perpétua pelo Tribunal Oral Federal Nº1 de La Plata.

[29] Ref. Aos planos de subsídio estatais tais como o Plan Trabajar (explicado na parte introdutória deste trabalho) e o Plan Jefes y Jefas de Hogar Desocupados.

[30] Em comparação, o puntero desempenha um papel similar ao do cabo eleitoral.

[31] Asamblea Popular de San Telmo.

[32] Gualaguaychu é o local de onde partem sucessivas manifestações de ambientalistas, desde 2003, contra a instalação de uma empresa de produção de pasta de celulose para a fabricação de papel. Gualaguaychú, cidade de pouco mais de 70.000 pessoas é separada de Fray Bentos (cidade Uruguaya) pelos pouco mais de 30 km de uma margem a outra do Rio Uruguay. Em 2006 e 2007, com a aproximação do início das operações da empresa Botnia, o conflito se acirra. A Asamblea Ciudadana de Gualaguaychú convoca para marchas e, quando não obtém sucesso, bloqueia os três acessos principais que ligam Uruguay e Argentina. A partir disso, o conflito começa a ser bastante coberto pela mídia até que possui seu ápice com o protesto de Evangelina Carrozzo, então Rainha do Carnaval de Gualaguaychú 2006, que invade vestida somente de biquíni, a 4ª Cúpula dos Chefes de Estado e de Governo da UE, dos países da América Latina e do Caribe (EU-LAC), em Viena, onde estavam presentes os chefes de estado de diversos países (dentre os quais os presidentes de Brasil, Argentina, Chile e Bolívia). As imagens de Evangelina percorrem todas as grandes emissoras de notícias e a discussão torna-se conhecida mundialmente. Ao final de 2006, o Uruguay leva o conflito ao Tribunal Internacional de Haya, elevando-o para nível diplomático.

[33] (Cf. *Página/12 Web* em notícias de 22/02/2004 e 23/02/2004.)

[34] *Opinión Pública, Servicios y Mercados*

[35] Negro de merda, moreno, vagabundo, sujo, inútil, lixo, flagelados (tradução minha)

[36] GRAHAM-YOOLL, A.(22/02/2004). Esto es trabajo. *Página/12 Web*.

[37] KIERNAN, S. (23/02/2004). Cuando El piquetero pasa a ser El negro de mierda. *Página/12 Web*

[38] Idem.

[39] Cf. nota 26.

## BIBLIOGRAFIA

AGUILÓ, Ignacio. **Grupos Piqueteros y Representaciones Sociales: El rol de los medios y las audiencias**. <http://www.apostadigital.com/revistav3/hemeroteca/aguilo1.pdf>. Acessado em 02/01/2007.

ALMEYRA, Guillermo. **La protesta social en la Argentina (1990-2004)**. Buenos Aires: Ediciones Continente, 2004.

AUYERO, Javier. **La protesta**. Buenos Aires: Libros de rojas, 2002.

\_\_\_\_\_. "Por qué grita esta gente? Los medios y los significados de la protesta popular en la Argentina de hoy". In **América Latina Hoy**, Abril, nº 36. Salamanca: Universidad de Salamanca, 2004.

BARBETTA, Pablo e BIDASECA, Karina. "Piquete y Cacerola, la lucha es una sola". **Revista Argentina de Sociología** - mayo/junio, año/vol.2, número 002. Buenos Aires, 2004.

BENCLOWICS, José. **Del conflicto a la protesta, de la protesta al conflicto. Tartagal-Mosconi y la conformación del movimiento de trabajadores desocupados** Disponível em: <[http://www.iigg.fsoc.uba.ar/jovenes\\_investigadores/4jornadasjovenes/EJES/Eje%203%2](http://www.iigg.fsoc.uba.ar/jovenes_investigadores/4jornadasjovenes/EJES/Eje%203%2)

oProtesta%20Conflicto%20Cambio/Ponencias/BENCLOWICZ,%20Jos%E9.pdf> Acceso em 15 Jun 2007.

LACOMBE, Andrea. La política en femenino: Género y poder en la provincia de Buenos Aires. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-93132005000200013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132005000200013&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 03 Dec 2007.

LENGUITA, Paula. "El sentido de la protesta pública en la construcción de la identidad piquetera" In: **Territorio, Memoria y Relato en la construcción de las identidades colectivas**. Buenos Aires: UNR Editora, 2004.

LODOLA, German. **Protesta popular y redes clientelares en Argentina: El reparto federal del Plan Trabajar (1996-2001)**. Disponível em: <[http://www.iniciativas.org.ar/boletines/10\\_docs/texto\\_lodola.pdf](http://www.iniciativas.org.ar/boletines/10_docs/texto_lodola.pdf)> Acceso em 06/10/2007.

LUCERO, Marcelo. Política social y movimientos sociales: La irrupción de las organizaciones piqueteras. In **Espiral** Enero-Abril, año/vol. XII, número 35. Guadalajara: Universidad de Guadalajara, 2006.

MASSETI, Astor. **Piqueteros: Protesta social e Identidad Colectiva**. Buenos Aires: Ed. De Las Ciencias, 2004.

\_\_\_\_\_. "Piqueteros eran los de antes": Sobre las transformaciones en la Protesta Piquetera. In **Laboratorio**. Año 8 • Número 19 • Otoño / Invierno 2006. Buenos Aires: UBA, 2006.

MÍGUEZ, Daniel e SEMÁN, Pablo. **Entre Santos, Cumbias y Piquetes - Las culturas populares en la Argentina Reciente**. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2006.

MUÑOZ, Maria Antonia. La difícil construcción de una identidad colectiva: "Los Piqueteros". In **Revista de Antropología Iberoamericana**, septiembre-octubre, número 43. Madrid: Antropólogos Iberoamericanos en Red, 2005

OVIEDO, Luis. **Una historia del movimiento piquetero**. Buenos Aires: Editorial Rumbos, 2001.

PACHECO, Mariano. "Del piquete al movimiento" In **Cuadernos de La Fysp** nº11/Enero2004. Buenos Aires: Fysp, 2004.

QUIRÓS, Julieta. **Cruzando la Sarmiento - Una etnografía sobre piqueteros en la trama social del sur del Gran Buenos Aires**. Buenos Aires: Antropofagia, 2006.

SARTELLI, Eduardo. **La plaza es nuestra**. Buenos Ayres, Ediciones Ryr, 2007.

SIGAL, Silvia. "La Plaza de Mayo - Una crónica". Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2006.

SVAMPA, Maristela e PEREYRA, Sebastián. **Entre la ruta y el barrio - La experiencia de las organizaciones piqueteras**. Buenos Aires: Biblos, 2003.

ZIBECHI, Raul. **Genealogía de La revuelta – Argentina: la sociedad en movimiento**. La Plata: Letra Libre, 2003.